



---

---

NOTA PASTORAL

*“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” Jo10,10*

Às comunidades cristãs e a todos os homens e mulheres de boa vontade.

Caminhamos a passos largos para a celebração dos 50 anos da nossa Independência (1975-2025). Um sonho de liberdade e autodeterminação que começou a tornar-se realidade há 47 anos. Com a assinatura do Acordo Geral de Paz, do qual celebramos recentemente os 30 anos, renovamos este bonito sonho de paz, de unidade e de democracia. A possibilidade de sermos donos na nossa terra, protagonistas do nosso futuro, suscitou em nós muita alegria e entusiasmo. Somos uma nação de jovens carregados de vigor e desejo de crescer. Uma nação que tem nas suas tradições a base para construir o seu futuro, no cultivo da terra e uso dos recursos naturais o seu sustento; na criatividade dos seus artistas a expressão da beleza; nos profissionais da educação e da saúde os seus educadores e cuidadores; nos empreendedores e académicos o impulso para o desenvolvimento integral. Um país que, por tantas figuras de líderes tradicionais, religiosos e políticos, cultiva a procura de uma saudável convivência como nação independente e que quer viver num estado de direito.

Saudamos com alegria esta riqueza que exprime a vitalidade do nosso Moçambique.

Este sonho, porém, encontrou e encontra obstáculos e ameaças que põem à prova a esperança de conseguir a sua realização.

Em **Cabo Delgado** continua a travar-se uma guerra terrorista que começou com algumas ações violentas há mais de 5 anos, mas não foi imediata e eficazmente contrastada apesar das numerosos alertas e que continua a alastrar-se em zonas mais alargadas, incluindo já as províncias do Niassa e de Nampula. São semeadas destruições e mortes violentas de crianças, mulheres e homens inocentes e pessoas de boa vontade como foi a Irmã Maria de Coppi, assassinada a 6 de Setembro último, no ataque à Missão Católica de Chipene, Diocese de Nacala. A continuação deste desumano sofrimento é inaceitável e frustra o sonho de sermos uma nação de paz, concórdia e independente, justa e solidária. Por isso, devemos juntar todos os esforços para encontrar os caminhos de solução a esta desgraça, não confiando unicamente no uso da força militar. A todos os envolvidos nesta guerra queremos recordar as palavras do Papa Francisco: *“O Deus da paz nunca conduz à guerra, nunca incita ao ódio, nunca apoia a violência. E nós, que cremos nele, somos chamados a promover a paz através de instrumentos de paz, como o encontro, pacientes negociações e o diálogo, que é o oxigénio da convivência comum”*. (Discurso na visita ao Reino do Barein)



**Jovens** moçambicanos continuam a engrossar as fileiras dos que semeiam terror. É a juventude moçambicana, o presente e o futuro da nação, que sucumbe nestas incessantes ondas de violência. Como já tivemos ocasião de afirmar, reconhecemos que um dos motivos fortes que movem os nossos jovens a se deixarem aliciar e a juntarem-se às várias formas de desvios, assenta na experiência de ausência de esperança num futuro favorável. Para a maioria deles não há oportunidades de se construir uma vida digna. É fácil aliciar pessoas cheias de vida e de sonhos, mas sem perspectivas. Sem garantir aos jovens a realização dos seus sonhos, a própria nação verá comprometido o seu sonho de ser protagonista do seu futuro.

Ao longo deste ano, assistimos com muita preocupação à subida insustentável do **custo de vida** no País, que continua arrastando para a pobreza extrema homens e mulheres já sofridos, que vêm enfrentando um verdadeiro martírio para colocar o pão à mesa. Certamente muitas são as causas assinaladas para isso: a crise provocada pelas ditas “dívidas ocultas”, as mudanças climáticas, as medidas restritivas para a prevenção do COVID 19 e agora, a guerra na Ucrânia. No nosso País, apesar de sermos uma única família, as desigualdades sociais e económicas estão a criar uma brecha profunda. Por um lado, uma minoria endinheirada que se pode permitir todo o tipo de luxo e, por outro, uma maioria empobrecida que nem o básico tem para sobreviver. São necessárias políticas corajosas que eliminem o crescente abismo existente entre irmãos. A mesma Tabela Salarial Única (TSU) que expressa o desejo de uma maior equidade, se não for bem gerida pode levar a convulsões sociais e exasperar o sentimento de desigualdade e injustiça. Sem a distribuição equitativa e justa de recursos e oportunidades, sem uma real inclusão social, a nossa paz e coesão social serão sempre ameaçadas. Nenhuma paz sobrevive a exclusões e a injustiças sociais.

A **corrupção** é outro dos grandes males que frustram o sonho de ser uma nação independente, desenvolvida e de bem-estar para os seus cidadãos. Apesar dos esforços e proclamas na luta contra esta praga social, no país instaurou-se uma cultura de corrupção chegando a pensar-se que é normal, que é assim que as coisas funcionam, que só pode ser assim. Faz-se descaradamente um uso privado dos recursos do país e do património público, pondo os interesses pessoais ou de grupo acima do bem comum. A corrupção manifesta-se nas constantes “propinas” (“refrescos”) que se devem pagar aos servidores públicos para receber um serviço que é seu dever oferecer, no desvio de fundos públicos para fins e interesses privados, no nepotismo e clientelismo. A corrupção está na origem da dilapidação e destruição da riqueza e de todo o tecido social, mas o aspecto mais grave é que infiltrando-se nas instituições e no exercício do poder do estado compromete estruturalmente o projecto de um país livre, justo e solidário.

A avidez, de que a corrupção é filha, por vezes leva a favorecer grandes projetos económicos de capitais estrangeiros, implantados para extrair recursos naturais sem um real e transparente envolvimento das populações interessadas. Milhares de famílias continuam a ser retiradas de suas terras férteis para dar lugar a esses investimentos, dos quais praticamente não tiram qualquer benefício. Muitas vezes, nas suas regiões, estas comunidades não encontram espaço para darem suas opiniões, porque são impedidos de falar, através de mecanismos de



controlo social que bloqueiam a sua participação. Estes mecanismos de **controlo social** frequentemente geram medo. Parecem ser sinais de uma tendência crescente e generalizada de limitação ao exercício de direitos humanos básicos como a liberdade de expressão e de manifestação. O silêncio imposto e ações de repressão condicionam o caminho de consolidação do país livre e democrático que queremos.

Todas estas ameaças e dificuldades não podem fazer cair o sonho de liberdade, autodeterminação e bem-estar que acompanha a nossa história de país independente e que em breve completará 50 anos. As qualidades, recursos e boa vontade de que o povo moçambicano dispõe são garantia de que uma sociedade solidária e em paz é possível.

A Igreja que se sente parte integrante desta sociedade e que tem a peito o bem do país, reitera o seu compromisso de continuar na assistência espiritual, no diálogo, na educação, na saúde, no desenvolvimento para a consolidação da família moçambicana.

A Igreja, nos próximos dias, irá realizar a **II Jornada Nacional da Juventude**, reunindo milhares de jovens na cidade de Nampula, para os escutar e encorajá-los a pôr a sua energia, criatividade e generosidade à disposição para juntos construir uma sociedade baseada na “amizade social”.

No próximo mês de Maio, a Igreja celebrará, também em Nampula, a sua **IV Assembleia Nacional de Pastoral**. As celebrações de Assembleias Nacionais de Pastoral pontuam a caminhada eclesial da Igreja Católica em Moçambique; constituem um momento importante de discernimento para realizar de forma mais adequada e contextualizada a sua missão de anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo que *“veio para que todos tenham vida em abundância”* (Jo 10,10). A IV ANP já foi realizada nas suas diversas fases de preparação em diversas etapas a partir das pequenas comunidades, passando pelas paróquias e dioceses. Este processo de escuta recíproca proporcionou a todos a possibilidade de dar a sua opinião e contribuir na procura do caminho comum, favorecendo assim a assunção das decisões que dele irão sair.

Convidamos todos a comprometermo-nos à conversão, à mudança de atitudes, a rejeitar qualquer forma de radicalismo, a superar a intolerância entre os grupos sociais, tribais, políticos, económicos, religiosos e raciais que nos dividem.

Acolhendo o Príncipe da Paz que se faz criança frágil no Natal, empenhemo-nos a nos aceitar-nos como irmãos, filhos do mesmo Pai o Criador.

Demos a cada moçambicano/a a oportunidade de contribuir com o seu trabalho, opinião e valores e, o sonho tornar-se-á realidade.

Que Deus abençoe Moçambique

Maputo, 11 de Novembro 2022

pelos Bispos Católicos de Moçambique

